

# Parlamentares divergem sobre papel da Constituição na crise econômica

Da Sucursal de Brasília

A influência que o Congresso constituinte agora instalado possa ter na solução do quadro de crise econômica é questão que divide as opiniões de parlamentares ouvidos ontem pela Folha. Enquanto alguns, como o deputado José Serra (PMDB-SP), afirmam que "o problema é conjuntural e deve ser resolvido pela política econômica", outros, como o deputado César Maia (PDT-RJ), defendem um amplo debate da crise econômica pelo Congresso constituinte.



Para José Serra, o Congresso constituinte deve estar centrado na discussão das questões permanentes, de médio e longo prazo, "estabelecendo marcas e procedimentos que facilitem, no futuro, o enfrentamento de crises". Segundo ele, um foro

como esse não pode se ater a problemas midiáticos, que devem ser resolvidos pela política econômica do governo.

O deputado César Maia defende a tese de que o Congresso constituinte poderia ser dividido no que chama de "dois espaços": um voltado para o debate da nova Constituição, que ele considera prioritário, e outro destinado a debater a conjuntura econômica atual. "Esse debate evitaria que o governo continuasse utilizando os decretos-lei em política econômica, e permitiria à população expressar-se através dos partidos".

Maia afirma ainda que o Congresso constituinte deveria contribuir para a formação de "um verdadeiro pacto social, que poderia ser feito entre as grandes lideranças políticas, como Lula, Brizola, Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães, para resolver os graves problemas nacionais". A respeito da proposta do deputado pedetista, o ministro Aureliano Chaves disse apenas que "o grande pacto da nação será a nova Constituição".

O deputado Luis Inacio Lula da Silva (SP), presidente do PT, depois de afirmar que o governo "está perdido" diante da crise econômica, propôs um total redirecionamento na atuação governamental. Para ele, propostas como a da mudança ministerial "de nada adiantam, pois o problema está nos métodos de atuação do governo, que privilegiam o grande capital". Para o deputado Ralph Biasi (PMDB-SP), a crise só será resolvida "quando o próprio PMDB definir claramente uma posição. Afinal quem vai pagar a conta, os trabalhadores ou aqueles que acumularam nos últimos vinte anos?", indagou.

Uma demonstração da preocupação do governo com a repercussão da crise foi a presença dos ministros da área econômica na instalação dos trabalhos. Os ministros da Fazenda, Dilson Funaro, Planejamento, João Sayad, e do Trabalho, Almir Pazzianotto, circularam muito, trocando abraços e sorrisos amáveis com os parlamentares.

## Constituinte é o ponto máximo, diz Sarney

Da Redação da Folha

Em entrevista concedida à Rede Globo de Televisão ontem à tarde, em Brasília, levada ao ar à noite, durante o programa "Fantástico", o presidente José Sarney disse que a instalação do Congresso constituinte representa o "ponto mais alto do projeto de restauração da democracia no país". Segundo o presidente, o projeto teve início com a vitória da chapa Tancredo/Sarney no Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985, e foi desenvolvido com a realização de eleições diretas em todas as capitais e municípios antes considerados área de Segurança Nacional, em novem-

bro de 1985, e com as mudanças na legislação eleitoral e o recadastramento eleitoral.

Sarney afirmou que o país vive uma fase de "mudança fundamental" e que "a participação do povo" nas decisões do governo será, ao lado da nova Carta, a principal realização que pretende deixar para seu sucessor. "Deixamos de ter um governo elitista para ter um governo que pensa na participação e na responsabilidade coletiva em qualquer decisão que deve ser tomada. Pela primeira vez, ninguém toma uma decisão sem olhar a população brasileira. Talvez esta seja uma obra sem placa, mas que marcará profundamente o processo político brasileiro", disse.

Indagado sobre de que forma a nova Constituição poderia ajudar o governo a resolver os problemas econômicos do país, o presidente afirmou que a Carta "não é feita para resolver os problemas conjunturais. Ela é feita para resolver os problemas definitivos do país; deve ser um instrumento de mobilização para harmonizar os conflitos dentro da sociedade e ao longo do tempo".

Para Sarney, o Congresso constituinte poderia ajudar a resolver problemas políticos e econômicos conjunturais na medida em que, ao se reunir, mantiver "a estabilidade do país".

Tadashi Nakagomi



Delfim, Amaral Netto e Francisco Dornelles conversam no plenário

## Na véspera, bares, restaurantes e boates lotados

Da Sucursal de Brasília

O parlamentar que tentou se divertir em Brasília no sábado à noite, véspera da instalação do Congresso constituinte, enfrentou problemas típicos de cidade grande, como restaurantes, boates e bares lotados, e conviveu com uma peculiaridade da vida da Capital: o lazer se transforma em uma extensão da atividade profissional. Só se falou na fórmula ideal de funcionamento do Congresso constituinte.

A noite, os poucos restaurantes de Brasília que têm serviço considerado de bom nível ficaram lotados. No Gaf, que fica no elegante Lago Sul, foram consumidos mais de quarenta quilos de filé e servidos cerca de cinquenta porções de peixe e número igual de pratos de camarão. Os governadores eleitos do Piauí, Alberto Silva, e do Pará, Hélio Gueiros, peemedebistas, estavam no restaurante, antigo reduto do PDS.

### Confraternização

Quem tentou fugir dos locais públicos acabou enfrentando uma sisuda reunião de políticos. Carne de sol e pirão de leite, acompanhados de estrogonofe de frango, amparados de jantar de confraternização que o baiano Fernando Gomes ofereceu ao governador eleito da Bahia, Waldir Pires, e ao ministro da Saúde, Roberto Santos. Falou-se do Congresso constituinte, e era visível a clássica divisão homens de um lado, mulheres do outro.

Tidei de Lima (PMDB-SP), 42, com a mulher e duas filhas, teve que amargar o encelamento de uma reserva feita no Planalto. "Vamos tentar o Fritz. A fome está incomodando e já são 22h45", disse Tidei. No Fritz, localizado na Asa Sul de Brasília, o quadro era o mesmo.

### Festa

No Florentino, batizado como "recanto da Nova República", a situação não era diferente. O "maitre" Décio Guimarães, 50, estava 245 pessoas. O ambiente estava com lotação esgotada. "Pode faltar freguês; bebida e comida jamais. Estamos preparados". Essa era a expectativa de todos os donos de restaurantes da Capital no sábado que precedeu a instalação do Congresso constituinte.

Até quem não foi eleito comemorou. A irmã do ex-deputado Israel Pinheiro Filho, Maria Inês Pinheiro, abriu sua casa, com bebida e comida generosas, para receber figuras conhecidas na política brasileira. Estavam lá, os governadores do Ceará, Tasso Jereissati (PMDB), de Santa Catarina, Pedro Ivo Campos (PMDB), os ministros das Relações Exteriores, Abreu Sodré, e da Administração, Aluizio Alves, e o secretário-geral de Sodré, embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima. O "dia seguinte" era o assunto preferido de todos.

## Sessão reúne menos público que a eleição de Tancredo

Da Sucursal de Brasília

O Congresso constituinte instalou-se em ordem quase completa. Havia muita gente, mas muito menos que na eleição de Tancredo Neves, a 15 de janeiro de 1985. O plenário da Câmara dos Deputados estava lotado, mas não houve confusão. Do lado de fora, o ato de protesto convocado pela CUT e a CGT foi menor que o esperado, e terminou em calma e no horário, como haviam prometido os líderes à administração do Congresso Nacional.

Logo pela manhã, duas personagens concentraram a atenção dos repórteres, no saguão da Câmara. O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) reclamava que a proposta de alguns de seus colegas para que a Câmara e o Senado não fossem instalados seria uma espécie de manobra "para livrar a cara do Ulysses". Lyra disputa a presidência da Câmara com o presidente do partido, Ulysses Guimarães. A segunda personagem foi o deputado federal Luis Inacio Lula da Silva (PT-SP), num impecável terno bege, mas sem abandonar o estilo inflamado nas entrevistas.

No plenário chamaram a atenção alguns encontros entre políticos que frequentemente defendem posições opostas. O ex-ministro da Fazenda e o também deputado e ex-ministro Delfim Netto (PDS-SP) e o senador eleito Jarbas Passarinho (PDS-PA). Dornelles foi secretário da Receita Federal durante a gestão de Delfim Netto no Ministério da Fazenda. Passarinho também trocou abraços efusivos com o ministro da Justiça, Paulo Brossard.

### Ulysses e Meneguelli

Depois de presidir a sessão de prestação de compromisso dos novos deputados, Ulysses Guimarães recebeu em seu gabinete uma comitiva de líderes sindicais comandada pelo presidente da CUT, Jair Meneguelli. Ele reclamava que a polícia estava querendo guinchar a perua de som da CUT, que seria usada pelos oradores

do ato de protesto na rampa do Congresso Nacional. Habilmente, Ulysses remeteu Jair e seus colegas para o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves.

Jair Meneguelli não saiu muito convencido, mas o problema foi contornado. Entrou na sala da presidência do Senado e depois de uma rápida reunião de negociação com o secretário-geral da Casa, João Orlando Barbosa Gonçalves, e com o coronel Paulo Alberto Lima, do Comando Militar do Planalto, anunciou um acordo.

Pelo acordo, não só a perua de som ficaria onde estava como o Congresso se encarregaria de fornecer a eletricidade para as caixas. Em compensação, os líderes começariam o ato às 14h e o terminariam inpreterivelmente às 15h15, ou seja, quinze minutos antes da chegada de Moreira Alves e do presidente José Sarney.

O Congresso constituinte instalou-se rapidamente. O presidente do STF chegou à Câmara às 15h55, e às 16h11 disse solenemente: "Declaro instalada a Assembléia Nacional Constituinte". Mas o longo discurso que se seguiu levou algumas senhoras elegantes e jornalistas a darem rápidos cochilos, nas galerias lotadas.

O público era formado basicamente por autoridades, diplomatas e parentes e convidados dos constituintes. A galeria só se manifestou no início da sessão, quando o deputado federal José Genoino (PT-SP) quis fazer uma declaração e sua voz foi abafada pela campanha, acionada por Moreira Alves. "Cala a boca!", "sai daí, calafona", gritaram alguns, entre vaia e poucos aplausos.

O resto do discurso de 35 minutos foi acompanhado em silêncio. Houve apenas uma discreta exceção quando Moreira Alves referiu-se à "Revolução de 64". O deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) interrompeu e gritou: "Foi golpe, foi golpe". Ninguém reagiu, o presidente do STF continuou, sem se abalar. Às 17h, no saguão da Câmara, a maior parte do espaço era ocupada por constituintes e seus parentes, posando para fotografias.